

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

JULIANA OLIVEIRA DE MENEZES

**O OUTRO COMO LUGAR DE SENTIDO DAS
ENUNCIÇÕES DA CRIANÇA**

Porto Alegre

2010

JULIANA OLIVEIRA DE MENEZES

**O OUTRO COMO LUGAR DE SENTIDO DAS
ENUNCIÇÕES DA CRIANÇA**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito para a conclusão do curso
de Licenciatura em Letras.

ORIENTADORA Profa. Dra. Carmem Luci da Costa e Silva

Porto Alegre

2010

AGRADECIMENTOS

É difícil precisar o que nos leva a tomar decisões e a trilhar caminhos. Por nossa percepção da situação, por nossos valores, pela aleatoriedade... escolhemos, falamos e experimentamos coisas na vida. É uma satisfação quando nossas escolhas geram crescimento e produzem algo tão bom dentro de nós. Nos marcam e nos tornam diferentes, melhores.

Concluir a graduação de licenciatura em letras, foi um feito meu, me esforcei, me dediquei, aprendi, me modifiquei e espero continuar colhendo bons frutos. Porém, muito do que eu sou e do que eu acredito está naqueles que me rodeiam.

Eu gostaria de agradecer em primeiro lugar à minha família: meus pais e a Lu e os meus irmãos. Por serem tão incentivadores, presentes e participativos na minha vida. Sempre meus primeiros críticos, admiradores e parceiros.

Agradeço também aos professores com quem tive o prazer de dividir conhecimento. E em especial à minha orientadora Carmem Luci que me deu lugar para enunciar no meio acadêmico. Foi peça fundamental para este período de conclusão, sempre muito incentivadora e competente no seu trabalho na universidade.

Agradeço a minha família: tios, primos, colegas de time, amigos pelo companheirismo e por dividirem comigo todos os momentos. Em especial aos meus colegas de graduação, que sem eles o caminho, definitivamente, não teria o mesmo sabor!

E agradeço, por último mas não menos importante, a todas as crianças do meu convívio. Por terem sido minha inspiração, minha curiosidade e minha alegria. À Sofia Gondim, ao Bruno Sales, ao Marco Piaton e às crianças da escolinha Mundo Mágico (do ano de 2006) agradeço e dedico este trabalho.

“[...] a língua não se transmite [...]. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles mergulham na corrente de comunicação verbal e somente quando isto ocorre é que tomam consciência de si e do mundo que os cerca”.

(Bakhtin)

RESUMO

Este trabalho objetiva verificar como os distintos interlocutores, ao convocarem a criança a preencher um lugar na estrutura da enunciação, influenciam no modo como esta constitui seu discurso. Para tanto, o estudo está embasado teoricamente na perspectiva enunciativa de Émile Benveniste e segue os deslocamentos operados por Silva (2007; 2009) para o tratamento da aquisição da linguagem, concebida como um ato de enunciação. Foram analisados dados de uma criança acompanhada longitudinalmente dos onze meses aos três anos e quatro meses de idade. Os resultados encontrados, através de diferentes configurações dialógicas, possibilitam a percepção de dois importantes momentos no que tange o objetivo proposto: 1) quando a criança percebe a sua enunciação como um modo de agir sobre o outro 2) quando a utiliza de diferentes modos dependendo do seu interlocutor. A partir de então são apontados possíveis enunciados e comportamentos do interlocutor que fazem com que a criança escolha determinado modo de discurso.

Palavras-chave:

Aquisição da linguagem, Teoria da Enunciação, Intersubjetividade.

ABSTRACT

This work aims to verify how the different partners of a dialogue, when inviting children to fill in a place in the enunciation structure, influence their speech. In order to do that, the study is theoretically grounded on the enunciative perspective of Emile Benveniste and follows the movements operated by Silva (2007, 2009) for the language acquisition treatment, conceived as an enunciative act. Data of a child observed from eleven months to three years and four months old were analyzed. The results obtained, through different dialogical settings, enable the perception of two important moments in what concerns the proposed objective: 1) when children perceive their enunciation as way to act with other people; and 2) when they use this differently, depending on who the interlocutor is. From then, possible enunciations and behaviors that make children choose certain mode of discourse with each interlocutor are showed.

KEYWORDS:

Language Acquisition, Enunciation Theory, Intersubjectivity

SUMÁRIO

Introdução

Desde os primórdios todos aqueles que convivem com crianças se espantam e se perguntam acerca da aquisição da linguagem. Afinal, como “em um passe de mágica” elas vão modificando seu uso de língua.

São muitos os campos do conhecimento que se importam com esse complexo processo da criança, por isso diferentes perspectivas vêm se propondo a investigar o processo de aquisição da linguagem. Cada nova abordagem busca preencher a “falta” deixada pelas demais. No entanto, esse preenchimento é impossível, pois sempre haverá lacunas em aberto para que novas pesquisas possam emergir.

Seguindo o olhar enunciativo já lançado sobre o campo Aquisição da Linguagem por Silva (2007; 2009), este trabalho não espera esgotar os inumeráveis processos que ocorrem com a criança para adquirir linguagem, e sim mostrar, em um corpus colhido longitudinalmente, a importância do outro das interlocuções da criança para que esta se constitua no discurso.

A motivação para este trabalho sempre esteve em mim. Desde muito jovem aprendi a admirar e respeitar o mundo infantil. Buscar entender cientificamente o pensamento brilhante dos pequeninos manifestado através da linguagem foi apenas uma conseqüência lógica do meu amor pela língua e por aqueles que se utilizam dela pela primeira vez e de maneira tão espontânea. Sempre me instigou o fato de eles compreenderem tanto sobre o mundo e sobre as pessoas com quem convivem a ponto de saberem como (e com quem) se comunicar antes mesmo de produzirem língua. Algumas pessoas “fazem sucesso” com as crianças e parecem caminhar junto com elas para a produção dos sentidos do diálogo, enquanto outras não conseguem significar o dizer da criança, fechando suas possibilidades de continuidade discursiva. Por que isso ocorre? Como os interlocutores da criança influenciam no modo como esta pode ocupar seu lugar de enunciação, se polida, se brincalhona, se impositiva, se ausente (silenciada)?

O impulso final para este trabalho veio da convivência com meu sobrinho franco-brasileiro de dois anos de idade que dá um show ao exercitar seu bilingüismo durante a fase de aquisição. Ele não só sabe com quem falar cada língua, mas também

sabe o poder que tem ao mesclar essas variáveis com os respectivos não-falantes de sua língua materna. Essa pesquisa não pretende, entretanto, tratar da aquisição da linguagem para falantes bilíngües, e sim, saber que marcas presentes nas enunciações do outro podem influenciar nos modos de dizer da criança.

Tendo como base teórica a perspectiva enunciativa de Emile Benveniste, o presente trabalho objetiva atender aos seguintes questionamentos: Como a criança age sobre a língua com diferentes interlocutores? Como ela percebe que o uso da língua age diferentemente dependendo de com quem está dialogando? O que há no discurso do outro que faz com que a criança mobilize modos de dizer diferentes?

Para a formulação do objetivo do estudo, destacou-se quatro passagens das obras de Benveniste, *Problemas de Lingüística Geral I (PLG I)* e *Problemas de Lingüística Geral II (PLG II)*: 1) “desde que se declara locutor e assume a língua, ele [locutor] implanta o ‘outro’ diante de si” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84); 2) “desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções” (*op. cit.* p. 86); 3) “É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como “sujeito” (BENVENISTE, 1956/1995, p. 281) e 4) “muitas noções na linguística (...) aparecerão se as restabelecermos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição da *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação lingüística”. (BENVENISTE, 1958, p. 293).

As quatro passagens selecionadas permitiram a elaboração do objetivo do estudo: mostrar como, no diálogo enunciativo, os distintos interlocutores da criança, ao se declararem como locutores e se apropriarem da língua, implantam a criança como alocutário para conduzi-la, no jogo de reversibilidade enunciativa, a assumir sua posição de locutor e se marcar como sujeito no discurso de diferentes modos.

Para isso foram selecionados recortes de situações de fala cotidiana de uma criança no intuito de evidenciar como esses processos ocorrem. As situações escolhidas envolvem a criança vivenciando experiências semelhantes cada vez com interlocutores distintos, possibilitando uma reflexão sobre o que apresenta o discurso do outro que a convoca diferentemente.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: o primeiro capítulo traz o referencial teórico, apresentando conceitos importantes da Teoria da Enunciação adotada aqui bem como aspectos da aquisição da linguagem sob esta perspectiva; o

segundo capítulo traz considerações metodológicas sobre o *corpus* da pesquisa e os procedimentos de análise; o terceiro capítulo apresenta os dados e também a análise dos mesmos sob os pressupostos teóricos anteriormente apresentados; e finalmente, são apresentadas algumas considerações finais percebidas com o estudo.

1. Referencial Teórico

Este capítulo apresenta, em um primeiro momento, a concepção enunciativa que embasará este estudo e as principais noções a ela associadas para, em um segundo momento, trazer a concepção enunciativa de aquisição de linguagem que também sustenta este estudo para, no final, buscar discutir as relações entre as questões enunciativas e de aquisição e o objetivo deste estudo. Para tanto, procura-se responder, nesta parte, às seguintes questões: O que é um ato de enunciação? Que elementos estão implicados neste ato? Que noções teóricas derivam dos elementos constitutivos do ato? Que deslocamentos teóricos podem ser realizados do ato enunciativo para a aquisição da linguagem? Como uma concepção enunciativa pode contribuir para que se desenvolva, neste estudo, uma reflexão acerca das maneiras como os distintos interlocutores da criança, ao se declararem como locutores e se apropriarem da língua, implantam a criança como alocutário para conduzi-la, no jogo de reversibilidade enunciativa, a assumir sua posição de locutor e se marcar como sujeito no discurso de diferentes modos?

Assim, no primeiro item, são apresentados o ato enunciativo e as noções a ele associados, no segundo item, o ato de aquisição da linguagem e as questões a ele associados para, no final da reflexão, possam ser apresentadas outras noções como a de “memória enunciativa”, que envolve a relação entre a enunciação atual a as enunciações anteriores.

1.1. O ato de enunciação: intersubjetividade e referência

Este estudo elegeu a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, por este linguísta pensar o uso da língua sempre em um quadro de generalidade/regularidade e de irregularidade/singularidade, com a inclusão do sujeito representado na enunciação. Sendo possível, a partir de suas reflexões, desenvolver um aparato metodológico para aquisição que abarque sujeitos e situação no uso da língua sem deixar de lado as particularidades de cada sujeito. As questões enunciativas tratadas neste item derivam

da leitura realizada de quatro textos do autor: *O aparelho formal da enunciação (PLG I)*, *A natureza dos pronomes, da subjetividade na linguagem* e *Estrutura das relações de pessoa no verbo (PLG II)*.

Enunciar é converter a língua em discurso. Essa concepção é desenvolvida por Benveniste no texto *Aparelho formal da enunciação*, ponto de partida da reflexão teórica a ser empreendida. Neste texto, o autor destaca a definição de enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). Logo, é necessário que haja um locutor, pois “antes da enunciação a língua não é senão possibilidade de língua” (*op. cit.*, p.83). A passagem da possibilidade de língua para o seu processo de apropriação requer, segundo o mestre enunciativo, que se leve em consideração o próprio ato, as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua constitui o diálogo inerente a toda enunciação, por meio das figuras enunciativas de locutor e alocutário, pois, como afirma o autor, “Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.” (*op. cit.*, p. 83).

Nessa acepção, ganha relevo a estrutura do diálogo como constitutiva da enunciação, pois, para o autor,

O que em geral caracteriza a enunciação é *acentuação discursiva* com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.

Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o quadro figurativo da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição de enunciação. (BENVENISTE, 1970/1989, p. 87)

É justamente essa estrutura de diálogo que é colocada em relevo neste estudo, considerada como vinculada à noção de *intersubjetividade*, desenvolvida pelo autor em mais três textos que aqui elegemos: *As relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956) e *da subjetividade na linguagem* (1958).

A questão apontada por Benveniste em *O aparelho formal da enunciação* de que “desde que se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84) põe em cena a relação locutor-alocutário como condição do diálogo que estrutura a enunciação, que, em momentos anteriores, o autor

destaca como ligada à comunicação intersubjetiva e à polaridade das pessoas (*eu-tu*). De fato, para Benveniste (1958, p. 288), “é na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’. A identidade referencial só aparece com o discurso. As formas vazias (pronomes, adjetivos, advérbios, demonstrativos etc.) atestam o modo como a língua é organizada, pois permitem que cada locutor se aproprie delas e se coloque em posição de sujeito ao enunciar. Ao mesmo tempo em que se marca no discurso como seu responsável (*eu*), o locutor instaura seu alocutário, representado como *tu*. Por isso, “*eu* propõe outra pessoa, aquela que, embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e quem me diz *tu*.” (BENVENISTE, 1958/1995, p. 286).

É importante destacar, segundo Benveniste, o que é subjetividade, e como ela se dá pela língua em uso com o interlocutor (intersubjetividade). Essa subjetividade, como enfatiza o autor, não está relacionada ao sentimento que o indivíduo tem de ser ele mesmo um sujeito, e sim, em sua capacidade para se propor como tal, definida pelo status lingüístico de *pessoa*. Para isso, “não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, de si mesmo” (BENVENISTE, 1958/ 1995, p. 288).

Os papéis do diálogo (locutor-alocutário), marcados como pessoas *eu-tu* no discurso, além de complementares, são reversíveis já que a língua possui estas estruturas vazias de significação que serão preenchidas por cada um no momento que lhe couber a apropriação do “aparelho”. As pessoas *eu* e *tu* aproximam-se pelo traço de *pessoalidade*, ausente em *ele*. De fato, a questão da subjetividade em Benveniste está ligada ao sistema pronominal e vinculada às pessoas do discurso. Para mostrar como as relações entre as pessoas se organizam, o autor salienta, no texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), duas correlações: a *correlação de pessoalidade* e a *correlação de subjetividade*.

Pela *correlação de pessoalidade*, o teórico mostra que a relação *eu-tu* possui marca de *pessoa*, enquanto o *ele* é privado dessa marca. A terceira pessoa representa a “não-pessoa” e nada mais. Essa relação tem, pela temporalidade, a possibilidade de *inversibilidade* constante, já que *tu* pode inverter-se em *eu* e *eu* pode tornar-se *tu*. Essa característica de *inversibilidade* não é possível na relação dessas pessoas com *ele*, visto a terceira pessoa não designar os sujeitos constituídos na enunciação. Nesse jogo de *inversibilidade*, *eu* e *tu* são *únicos*, instituindo-se como *pessoas no discurso* e não

predicando qualquer coisa fora da alocação. Por isso, essas duas pessoas, juntas, farão oposição à forma de “não-pessoa”, o *ele*.

Já, pela *correlação de subjetividade*, Benveniste mostra que o *eu* se opõe ao *tu*, já que o *eu* é interior ao enunciado e exterior a *tu*, embora não extinga a possibilidade de diálogo entre as duas pessoas. É uma qualidade de interioridade que pertence particularmente ao *eu* e se inverte em *tu*. Desse modo, classifica o *tu* como a *pessoa não-subjetiva* em face da transcendência que o *eu* possui, por ser o responsável pela constituição do *tu* no diálogo. De fato, o que diferencia *eu* de *tu* é, em primeiro lugar, o fato de *eu* ser *interior* ao enunciado e *exterior* a *tu* e, em segundo lugar, *eu* é sempre *transcendente* em relação a *tu*. Essas características de *interioridade* e de *transcendência* pertencem ao *eu*, invertendo-se ao *tu*, quanto este toma a palavra. Neste caso, o *tu* é caracterizado como *pessoa não-subjetiva* em face da *pessoa subjetiva* que o *eu* representa. De outro lado, Benveniste chama a atenção para o fato de que as pessoas *eu-tu* se oporão à forma de *não-pessoa (ele)*, justamente porque *ele* é privado de inversibilidade, não é único, porque pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum e, além disso, *ele* pode predicar indivíduo ou coisa. Assim, a forma *ele* se distingue de *eu* e *tu* pelo traço de ausência, ou seja, é exterior ao discurso e tem por função fazer referência a uma forma objetiva do mundo.

Por essa concepção a terceira pessoa estaria desligada da enunciação. No entanto, apesar de pertencer à categoria de *não-pessoa* e não ser pessoa do discurso por remeter a algo fora da alocação, no texto *da subjetividade da linguagem*, o autor chama a atenção para o aspecto de que “a forma *ele* tira o seu valor do fato de que faz parte de um discurso enunciado por *eu*.” (BENVENISTE, 1958/1995, P. 292). Ora, desse aspecto, deduz-se que *ele* está ligado ao que *eu* e *tu* referem no discurso, questão a ser tratada com a consideração do segundo elemento constitutivo do ato de enunciação: *a referência*.

De fato, a questão da referência constituída no discurso insere o segundo elemento do ato enunciativo destacado por Benveniste em *O aparelho formal da enunciação: a situação*. Com efeito, “na enunciação, a língua se acha empregada para expressão de uma certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84). A condição dessa mobilização e dessa apropriação da língua é para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir, fazendo de cada locutor um co-locutor. Por isso, o autor afirma que “a referência é parte integrante da enunciação” (*op. cit.*, p. 84). Nessa concepção, o locutor, ao se constituir como *eu*, implanta o outro (*tu*) e

a referência no discurso, que parece vincular-se ao *ele* (não-pessoa). É a partir dessa relação com o mundo via referência do locutor que se tem a possibilidade de continuidade discursiva, quando o alocutário, pela inversibilidade enunciativa constitui-se em locutor.

Essa situação vai se manifestar por um “jogo de formas específicas cuja função é a de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação.” (BENVENISTE, *op. cit.*, p.84). Essas formas específicas estão ligadas às marcas de pessoa, tempo e espaço. Nesse sentido, as marcas de tempo referem-se ao presente daquele que fala; os pronomes possessivos entre outros são responsáveis por manter a fala em constante relação com quem a produz. Por exemplo, no enunciado a seguir, suas marcas pessoal, temporal e espacial remetem à situação de enunciação e aos sujeitos representados no discurso:

- ontem meus pais vieram aqui.

(*Ontem*: em relação ao hoje em que o locutor está falando; *meus*: indica parentesco do sujeito; *aqui*: lugar onde o locutor está)

Já a possibilidade de co-referir indica que o alocutário aceitou as referências propostas pelo locutor. E no momento em que enuncia em retorno participa da realidade proposta pelo primeiro. Colocou-se no lugar do locutor fez do seu presente o presente daquele e assumiu como suas as referências do outro.

- E o que tu e teus pais fizeram aí ontem?

(*Ontem*: dos dois locutores; *teus*: parentesco do primeiro locutor; *aí*: local onde primeiro locutor está e distante do segundo locutor)

Logo, o alocutário ao enunciar em resposta ao primeiro locutor, constitui-se, pela inversibilidade, em segundo locutor, valendo-se dos indicadores presentes no discurso daquele, marcando-se na sua fala como distante daquele em termos de espaço e se distinguindo em termos de pessoa. A referência ao presente do discurso tem a ver com a situação em que a enunciação foi instanciada. Cada enunciação é única e irrepetível, mesmo que dita pela mesma pessoa, porque o tempo em que ela foi proferida é cada vez particular. *Eu* enuncia de determinado modo e escolhe determinadas formas da língua, pois o contexto em que ele se encontra apresentou-se de maneira a propiciar este discurso.

Assim, cada instância de discurso constitui um centro de referência interno, porque ligada às escolhas do locutor, as quais se vinculam ao terceiro elemento da enunciação, destacado por Benveniste: os instrumentos.

De fato, “o locutor apropria-se do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro”. (*idem*, p. 84). Com isso, Benveniste passa a destacar um aparelho de formas e um aparelho de funções como elementos disponíveis para o locutor converter a língua em discurso. Com relação ao aparelho de formas, o autor ressalta os índices de pessoa, tempo e espaço. No entanto, como bem salienta Flores (2005, p. 36), “é preciso perceber que o aparelho formal da enunciação não está limitado a formas específicas, mas é integrante da língua em sua totalidade.” Isso porque ao se enunciar o locutor constitui-se como *eu* e instancia um *tu* para produzir sentidos particulares em cada relação enunciativa a partir das formas da língua instanciadas no discurso.

Benveniste, ainda, trata da relação de *intersubjetividade* por meio do que chama "aparelho de funções", constituído por recursos sintáticos como a interrogação, a asserção, a intimação e a modalidade. Esses recursos estão ligados aos instrumentos da enunciação, visto que, por meio desse aparelho, são criados efeitos de sentido que revelam o *eu* e seus objetivos para com o *tu*: “desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções” (*op. cit.* p. 86). Assim, no diálogo que estrutura a enunciação, o "aparelho de funções" é o recurso mobilizado pelo locutor para suscitar uma resposta (*interrogação*); para ordenar ou fazer um apelo (*intimação*); para comunicar uma certeza (*asserção*), e, por meio das *modalidades*, enunciar suas atitudes do ângulo daquilo que enuncia (modos verbais e suas expressões de expectativa, desejo, apreensão) e que indicam uma certeza, uma verdade ou incerteza, possibilidade, indecisão. Assim, a mobilização deste aparelho propicia ao locutor questionar, afirmar, intimar, negar, enfim agir e se posicionar ante o mundo, ao discurso enunciado e principalmente em relação ao seu alocutário.

Do exposto, este estudo, ao destacar a enunciação como um ato que relaciona locutor e alocutário pelo fio do discurso via referência constituída pela apropriação que o locutor faz da língua, enfatiza as noções de *intersubjetividade* e de *referência* enunciativas. Ao se destacar a intersubjetividade na enunciação, como a capacidade do indivíduo para se propor como sujeito através da língua em uso com seu interlocutor, não se está falando da relação de diálogo entre seres empíricos do mundo, mas do diálogo entre seres constituídos no discurso, que, no caso de nosso estudo, remetem a instâncias presentes na cultura, conforme aponta Silva (2007; 2009): pai, mãe, irmão,

tia, etc. De fato, *eu* e *tu* não são tomados como papéis reversíveis no diálogo, mas como instâncias de funcionamento discursivo, nas quais os sentidos e as referências são produzidos. Sendo assim, não são as “pessoas do mundo” que são inversíveis, mas sim as “pessoas do discurso” *eu* e *tu* quando desempenhada por aquelas. Nessa concepção, percebe-se que a perspectiva enunciativa aqui assumida busca analisar não o dito em si, mas o fato de o locutor ter dito o que disse e o modo como constitui o outro em sua relação enunciativa. As marcas deixadas no produto (enunciado/discurso) encaminham o analista a chegar no processo (a enunciação).

Ainda cabe ressaltar que, quando se destaca a situação, não se está buscando um sentido para as formas linguísticas, atualizadas em um discurso, no mundo, mas no contexto do discurso daquele que se enuncia. Devido à filiação ao quadro Saussuriano, as perspectivas enunciativas excluem qualquer possibilidade de referência objetiva, pois, como atesta Benveniste (1967/1989, p. 231), “a referência da frase é o estado de coisas que a provoca”. Desse modo, na análise, prioriza-se mais o modo como elementos no discurso estão relacionados, organizados, sintagmatizados para produzir determinados sentidos do que propriamente com significações fixas e estáticas, concebidas anteriormente ao discurso.

As questões destacadas neste item são pressupostos fundamentais de uma concepção enunciativa de estudos da linguagem e, por isso, farão parte da reflexão que será desenvolvida no item seguinte, quando se buscará relacionar a concepção enunciativa de linguagem a uma concepção enunciativa de aquisição da linguagem.

1.2. O ato de aquisição da linguagem

“o despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da
linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade”
(BENVENISTE, 1963/1995, p. 27)

Neste item pretende-se refletir acerca de como acontece a aquisição da linguagem no quadro da enunciação. Isto requer deslocar os elementos do ato de enunciação para o de aquisição, conforme proposta de Silva (2007; 2009), principalmente no que toca à intersubjetividade e à referência.

Antes mesmo do nascimento a criança está inserida em discursos, desde o útero ela tem lugar na fala de sua mãe. Ao nascer, a mãe é responsável por interpretar e

significar as suas formas enunciativas, aparentemente sem sentido por não pertencerem às formas da língua. A partir de então, na medida em que a criança se desenvolve linguisticamente com a participação do outro (que no princípio é locutor por ela) ela vai repetindo esse “interprete” e sendo locutor junto com ele. Então com a complexidade lingüística crescente advinda do desenvolvimento natural da criança ela deixa de dialogar pela voz e no discurso do *outro* e passa a dialogar com ele. Passa a se enunciar como sujeito e não mais como dependente da fala do *outro*.

A relação com o parceiro pelo dialogo faz com que a criança aumente seu repertório de formas lingüísticas e organize a combinação destas formas, mas também e principalmente, faz com que ela aprenda a mobilizar a língua para seu uso. Essa reflexão pode ser corroborada pelas palavras de Benveniste (1963/1995, p. 31)

“A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra. A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto. Ela aprende as coisas pelo nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam. Assim desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem”.

O ato de aquisição da linguagem é marcado pela experimentação no diálogo e pela constituição de referências com o *outro*. Segundo Silva (*op. cit.*) existem três instâncias de sujeitos presentes no sujeito da aquisição da linguagem: o sujeito cultural, o sujeito dialógico e o sujeito enunciativo. Os ajustes anteriormente mencionados se dão nas relações que fundamentam estes sujeitos; que são respectivamente homem/homem, locutor/alocutário e *eu/tu*. Enquanto sujeito cultural, a criança “apreende” as regras de convívio social. Como por exemplo, não falar palavrões. Já como sujeito dialógico e enunciativo ela “apreende” a se constituir com o outro no diálogo enunciativo e a se marcar no discurso.

A importância da intersubjetividade, nesse caso, fundamenta as relações enunciativas da criança com seus interlocutores assim como possibilita a atualização de referências e modos de dizer particulares para cada relação *eu-tu*. Por isso, intersubjetividade e referência são noções entrelaçadas, porque a criança só se faz como sujeito pela presença do *outro*. Mesmo quando ela não se utiliza de formas da língua para dialogar, os seus interlocutores o fazem por ela. Significam gestos, sorrisos e choros tornando palavra aquilo que a criança ainda não verbaliza, mas se manifesta com

linguagem. Essa linguagem passa a ser simbolizada em verbal pelo outro. A forma proposta pelo seu interlocutor é retomada pela criança, que a nega ou a ajusta a sua enunciação. Para exemplificar, ilustramos com uma situação onde a referência presente no dizer da criança não é encadeada (co-referida) pelo interlocutor. Na sequência, a criança mantém a referência até ser co-referida pelo outro. O exemplo mostra o diálogo da TIA com a sobrinha (FRA). A primeira fala sobre uma peça de roupa e a criança fala sobre balas. Para ilustrar como, pela enunciação, locutor e alocutário vão ajustando a relação forma-sentido, mostramos o episódio a seguir.

TIA: quê qui tem a tirinha ali do calção?
 FRA: ãh:
 TIA: do shortis?
 FRA: ãh: (...)
 TIA: qui linda a tirinha, né?
 FRA: vô copá bainha @ amazém
 TIA: que qui tu vai fazê?
 FRA: vô copá amazém a bainha
 TIA: tu vai fazê a bainha?
 FRA: não, a lá amazém [=apontando]
 TIA: tu vai, ah tu vai no armazém comprá balinha?
 FRA: vô

No exemplo, a criança verifica que não há coincidência entre a relação forma-sentido que atualiza em seu discurso com a interpretação do outro. Inicialmente ela repete sua fala, propondo uma pequena alteração (vô copá bainha @ amazém → vô copá amazém a bainha). Percebendo que ainda não foi suficientemente clara ela insiste (não, a lá amazém [=apontando]) e finalmente, pela fala da tia, percebe que foi compreendida e confirma o entendimento (vô).

Na concepção enunciativa, a aquisição da linguagem é concebida como constituída por uma estrutura que comporta a criança (eu), o outro da sua alocação (tu) e a referência constituída no fio discursivo entre ambos (ele), em que cada ato de enunciação instancia formas com sentidos constituídos na relação *eu-tu*. Isso porque acreditamos com Silva (2007; 2009) que as formas enunciativas da criança (locutor), ao serem re-significadas com formas da língua pelo *outro* (alocutário), constituem a referência no discurso e permitem à criança instaurar-se na língua. Ou seja, o *outro* liga

as formas enunciadas pela criança a formas que interpreta como pertencentes à língua, para aquela situação.

Assim, é a partir da estrutura trinitária *eu-tu/ele*, enquanto dispositivo necessário de acesso à língua, que a criança reconhece a si mesma como locutor e ao outro como seu alocutário e a partir do diálogo entre eles percebe-se como sujeito de fala e inclui-se no simbólico da língua sob a dependência de um outro que lhe dá lugar para se enunciar.

No próximo item, serão abordadas as considerações metodológicas que concernem ao presente trabalho e aos dados da pesquisa “A criança na língua: a operação de referência” que foram utilizados para as reflexões propostas aqui.

2. Considerações Metodológicas

2.1. Do *Corpus*

2.1.1. Do sujeito da pesquisa

Como este trabalho se insere numa perspectiva enunciativa, consideramos importante tratar a fala da criança em sua singularidade. Nesse sentido, valemo-nos dos dados filmados e transcritos da pesquisa de Silva (2007), que foram constituídos longitudinalmente, a partir da fala de uma criança brasileira, de classe média-baixa, Francisca, residente na região metropolitana de Porto Alegre. Na totalidade, as sessões compreenderam o período dos 11 meses aos 3 anos e 4 meses de idade. A criança foi filmada com o objetivo de melhor recuperar a situação da enunciação, pois, tendo em vista a perspectiva adotada, torna-se importante levar em conta os elementos do contexto enunciativo (como o uso de gestos e eventos que acompanham a fala), o que pode ser melhor tratado com o uso do recurso de vídeo.

2.1.2. Dos recortes enunciativos.

Foram selecionados --- recortes enunciativos da pesquisa de Silva (2007; 2009) com a intenção de identificar como a criança se marca de diferentes modos para interlocutores que a constituem de maneiras distintas. Por isso, nossa análise focalizará a relação da criança com os distintos interlocutores.

Os recortes apresentam um cabeçalho com os seguintes elementos: os participantes, a data da entrevista, a idade da criança quando filmada em cada situação e o contexto de enunciação. O quadro abaixo ilustra o cabeçalho:

<i>Participantes:</i>	CLA (babá); AVÓ e CAR (tia, filmando)
<i>Data da entrevista:</i>	20-03-2002
<i>Idade da criança:</i>	1;5.15
<i>Situação:</i>	FRA está na casa da AVÓ. Inicialmente está na garagem da casa com um álbum, com bonecas e com o gato. Após lancha. Depois, vai para dentro de casa e volta para a garagem.

Com relação à transcrição, os recortes mostram algumas marcações, sistematizadas por Silva (2007; 2009) no projeto no qual se situa este estudo, quais sejam:

XXX: indica passagem não entendida pelo transcritor.
 Letras maiúsculas: tom ascendente
 [=]: Eventos não-verbais e breves explicações, como a dêixis (gestos de apontar pessoas ou objetos)
 [?]: indica dúvida do transcritor
 Com: indica comentários da situação de enunciação ou interpretações para os dizeres da criança.
 @: pausa

2.2. Dos procedimentos de análise

O objetivo deste trabalho é mostrar como, no diálogo enunciativo, os distintos interlocutores da criança, ao se declararem como locutores e se apropriarem da língua, implantam a criança como alocutário para conduzi-la, no jogo de reversibilidade enunciativa, a assumir sua posição de locutor e se marcar como sujeito no discurso de diferentes modos.

Para responder ao objetivo proposto, buscou-se revisar a metodologia de coleta do *corpus* constituído por Silva (2007) e nela se verificou que os recortes transcritos apresentam distintas configurações dialógicas presentes no, quais sejam: 1) relação criança/pai, mãe e irmãos com a investigadora (tia) filmando; 2) relação criança/pai ou mãe com pai ou mãe filmando; 3) relação criança/demais pessoas de seu convívio (avó, tio, babá) com investigadora (tia) filmando; 4) relação criança/investigadora (tia) com outra pessoa filmando; 5) relação criança/investigadora (tia), em que a própria investigadora filma e interage; 6) relação criança/criança com investigadora (tia) filmando e 7) relação da criança com outro ao telefone (real ou virtual) com investigadora (tia) filmando.

Por isso, foram selecionadas dessas configurações as seguintes relações: mãe-criança, tia-criança, irmão-criança, tia-criança e amigo da família-criança. Além dessas configurações, são destacados elementos do aparelho de formas e do aparelho de funções como marcas dos modos de dizer do outro da alocação da criança e o modo como, posteriormente ao discurso desse outro, a criança se propõe como locutor e se marca no discurso

O quadro a seguir ilustra as categorias de análise:

Interlocutor	Mãe	Tia	Vó	Irmão	Amigo (a) da família
Situação					
Intimação					
Interrogação					
Oposição					
Reformulação de Forma					

Modos como a criança se marca

Para cada enunciação prevista do interlocutor, consideramos as seguintes possibilidades de enunciação da criança:

2.2.1. Quando o interlocutor intima a criança (pedido/ordem)

Reação Imediata de Aceitação	RIA
Reação Imediata de Negação	RIN
Mantém a Referência Anterior	MRA
Silêncio	S

2.2.2. Quando o interlocutor interroga a criança

Resposta Encadeada à Referência da Interrogação	RERI
Mudança de Referência	MR
Repete a Interrogação	RI
Marcas de Dúvida	MD
Não Responde	NR

2.2.3. Quando o interlocutor contraria a criança

Desiste da sua Posição	DP
Insiste na sua Posição	IP
Repete o discurso do Outro	RDO
Silêncio	S

2.2.4. Quando o interlocutor reformula a forma da fala da criança

Aceita a Correção e Insiste na sua Forma	ACIF
Aceita a Correção e Reformula sua Forma	ACRF
Mantém a Referência e Desiste da Forma	MRDF
Silêncio	S
Mudança de Referência	MR

3. Análise e Discussão dos Resultados

Dos dados presentes em Silva (2007; 2009) foram selecionados momentos que possibilitam a ilustração da relação criança/outro da sua alocação. Para cada situação, foram recortados pequenos trechos que juntamente com a explicação do seu contexto pretendem apresentar como a criança se marca no seu discurso diferentemente dependendo de com quem dialoga.

3.1. Recortes

Sessão 1.

<i>Participantes:</i>	MÃE, CAR (tia, filmando), EDU e PAI
<i>Data da entrevista:</i>	15-09-2001
<i>Idade da criança:</i>	0;11.10

Situação 1: FRA (Francisca) está em sua casa rodeada de brinquedos.

CAR: cadê a tetéia?

Com: FRA pega um brinquedo e larga. Depois, olha para sua MÃE, que está no telefone. (NR)

FRA: oi

FRA: [= risos]

CAR: ai que linda!

MÃE: nana o nenê então Francisca.

FRA: ah, ah, ah, ah. (RIA)

Com: FRA pronuncia o som de embalar nenê, olhando para MÃE e rindo.

CAR: [= risos]

Neste recorte podemos identificar dois momentos importantes. O primeiro se trata do par dialógico CAR-FRA. A tia fez uma pergunta à menina e não recebeu uma resposta em retorno. Ao invés disso a menina pegou um brinquedo e em seguida olhou para sua mãe. A criança se vale então de NR quando, ao ser questionada, tem sua atenção desviada para outra coisa que chame sua atenção.

No segundo momento temos com o par dialógico MÃE-FRA a criança sendo intimada a realizar uma tarefa com sua boneca e manifesta uma reação imediata de aceitação (RIA).

Situação 2: a MÃE faz uns sons de pata de cavalo. Depois começa a cantar parabéns.

FRA: [bate palmas]

Com: ao bater palmas, FRA olha para MÃE e para CAR, como se estivesse mostrando o que sabe fazer.

CAR: [= risos]

FRA: ãh, ah

MÃE: como é que faz o cavalinho?

Com: MÃE faz o som de como o cavalo anda

MÃE: como é que faz?

Com: FRA sacode-se.

FRA: ah, ah.

(RERI)

Na segunda situação, podemos perceber que a criança se utilizou de uma resposta encadeada a referencia da interrogação (RERI) da MÃE quando perguntada a respeito do som do cavalo. Valendo-se tanto de formas enunciativas “ah ah” quanto da a linguagem corporal de se balançar como um cavalo faz, a criança constitui-se como locutor e encadeia uma resposta à pergunta da mãe, quando, na inversibilidade enunciativa, estava como locutor e convocava a criança para estar na enunciação.

É interessante no recorte, percebermos como a criança é conduzida pelo seu interlocutor a preencher um lugar na estrutura do diálogo. No primeiro trecho sublinhado, a MÃE pergunta e ela mesma responde como se fosse a criança. Em seguida, repete a pergunta, dando lugar para a criança responder desta vez.

Situação 3: MÃE está dando banho em FRA

MÃE: que banho gostoso! [=risos]

CAR: [= risos]

MÃE: tu não vai conversar nesse banho?

FRA: táa. (RERI)

(...)

Com: MÃE levanta FRA, que está deitada na água e ela chora.

MÃE: brinca na aguinha, brinca, brinca ó, brinca. (S)

Com: a MÃE sai para atender EDU, que lhe pergunta algo e ela responde. FRA olha para CAR e lhe dá um sorriso.

CAR: brinca na aguinha.

Com: FRA começa a chorar e a MÃE começa a jogar-lhe água. (RIN)

MÃE: ta frio, ta frio, tá...

Com: FRA bate com as mãos na água.

FRA: ta, ta.

Neste recorte, temos uma resposta encadeada à referência da interrogação entre MÃE e FRA. Além disso, podemos perceber mais uma vez a MÃE falando como se fosse a criança no primeiro trecho sublinhado. Num segundo momento, a MÃE faz uma intimação para a criança para que ela brinque na água do banho. A criança responde com silêncio, possivelmente pelo fato de a MÃE não ter continuado presente para ver se a criança ia ou não aceitar a solicitação. Em seguida CAR faz uma intimação à criança para que brinque com a água e ao chorar a criança tem uma reação imediata de negação aquele pedido (RIN), buscando um meio de chamar a atenção da MÃE novamente. No último trecho sublinhado, a MÃE mais uma vez fala pela criança comentando sobre a temperatura do ambiente para a criança fora da água. Percebemos, então, que a criança repetiu o mesmo gesto da MÃE (mexer na água da banheira) e enunciou com as mesmas formas utilizadas pela MÃE (ta, ta).

Sessão 6.

Participantes: CLA (babá) AVÓ e CAR (tia, filmando).

Data da entrevista: 20-03-2002
Idade da criança: 1;5.15

Situação 1: FRA está na casa da AVÓ próxima de um gato.

FRA: XXX [= olhando para o gato]
 AVÓ: XXX viu? viu o gatu? chama ele chama chama @ grita
 FRA: nenê [= corre até um carrinho com uma boneca dentro] @ NENÊ [= olhando CAR] (NR) (S)
 CAR: hum?
 FRA: nenê (RERI)
 CAR: tem nenê aí?
 FRA: o vó (MR)
 Com: FRA cai sentada e derruba o carrinho.
 CAR: ôpa! caiu?
 Com: Silêncio. FRA levanta-se e pega o carrinho, que ficou com as rodas tortas e a boneca atravessada. (NR)

No primeiro momento, AVÓ fez uma pergunta e imediatamente fez uma intimação para FRA a respeito do gato. Possivelmente pelo fato de a AVÓ efetuar uma enunciação logo em seguida da outra a criança não respondeu à pergunta (NR) e nem à solicitação (S). Foi buscar um brinquedo que no momento lhe chamou a atenção.

No segundo momento, entre CAR e FRA, temos uma pergunta que foi respondida de maneira encadeada à interrogação (RERI) por se tratar de uma nova referência proposta pela criança ao pegar a boneca. Porém, quando a tia repetiu a pergunta à criança mudou de assunto (MR), possivelmente chamando a AVÓ para compartilhar da referência e da brincadeira de boneca.

No último momento, percebemos que a criança não responde (NR) à pergunta de CAR. Possivelmente por não achar que a pergunta precisasse ser respondida, mediante visualização da cena ou por estar entretida em resolver o problema do carrinho caído.

Situação 2: CAR e FRA estão observando um álbum de fotografias e AVÓ está por perto.

CLA: cadê o Dudu? @ o Dudu aqui ó, aqui o Dudu [?]. ó o nenê, o nenê, a Queca

aqui, olha nenê[?]

Com: FRA observa o álbum (NR) (RIA)

FRA: ali @ nenê papai [apontando para a foto e olhando para CLA] (RERI)

CAR: ali @ nenê, papai [= repetindo os dizeres de FRA]

FRA: papai

CAR: ah tá aí papai?

FRA: PAPAI, papai [= olha para o portão] (RI)

(...)

Com: AVÓ faz gesto de que vai retirar o álbum de FRA.

FRA: Não mamãe [= afastando o álbum com o braço] (IP)

CAR: [= risos]

Com: AVÓ faz gestos de que vai retirar o álbum de FRA.

FRA: NÃO [= afastando novamente o álbum com o braço] (IP)

CAR: [= risos] (...)

Com: AVÓ continua a fazer o gesto de que vai retirar o álbum de FRA.

FRA: NÃO (IP)

CAR: [= risos]

AVÓ: ela ta braba cumigu XXX

Com: AVÓ faz gesto de que vai retirar o álbum de FRA.

FRA: NÃO (IP)

CAR: [= risos] vovó qué pegá? vovó qué pegá o teu livrinhu?

AVÓ: XXX

FRA: DÁ

Com: Silêncio. (NR)

FRA: dá

Com: FRA derruba o álbum

CLA: caiu, ondi é qui caiu?

CAR: cadê o álbum?

Com: CLA alcança o álbum de volta para FRA, que olha para a rua.

FRA: au au @ o au. (RI) ou (MR)

Mais uma vez temos uma intimação sendo feita imediatamente após uma pergunta. Com isso a babá falou pela criança dando dicas de como a pergunta que fez deveria ser respondida. E novamente, num primeiro momento, a criança não respondeu (NR),

enquanto executava o que lhe fora solicitado – olhou o nenê (Dudu) na foto (RIA). Então, após observar a fotografia, ela respondeu à pergunta se utilizando das formas lingüísticas propostas pela interlocutora.

Com o par dialógico AVÓ-FRA, temos uma situação onde o interlocutor contraria a criança e por inúmeras vezes ela insiste na sua posição (IP). Ela percebe que se trata de uma espécie de brincadeira, pelos risos da tia e pela insistência da avó. Ao ser perguntada pela tia sobre a situação, ela não responde (NR), provavelmente por estar braba. Por fim, quando perguntada sobre a queda do álbum, temos duas possibilidades: ou a criança muda a referência (MR) e passa a falar sobre o gato (au au), por não querer mais falar sobre o assunto; ou ela responde repetindo a interrogação (RI), por entender da forma *álbum*, desconhecida por ela, a forma “au”, referência combinada entre eles para o gato. E a partir daí o assunto se desenvolve sobre esta referência.

Situação 3: FRA está com uma colher na mão, no colo de CLA, que lancha com a AVÓ.

AVÓ: dá a colher pra vó dá.

Com: FRA alcança a colher para a AVÓ (RIA)

CAR: [= risos]

Com: AVÓ volta a alcançar a colher para FRA.

AVÓ: dá a colher pra vó dá

FRA: ah não [= afastando a colher da AVÓ com a mão (RIN)]

AVÓ: viu o bico que ela fez pra mim?

CLA: dá lá pra vó, dá ali pra vó

FRA: não (RIN)

Podemos perceber que num primeiro momento FRA obedece à AVÓ, entregando a colher (RIA). Porém quando, pelas risadas, ela percebe que se trata de mais uma das brincadeiras da AVÓ ela passa a não obedecer, nem mesmo à babá, a quem ela normalmente obedece.

Sessão 8

Participantes: PAI (filmando), MÃE e EDU (irmão)

Data da entrevista: 01-05-2002

Idade da criança: 1;6.26

Situação: FRA está em casa com seus pais e o irmão EDU. Inicialmente brinca no pátio. Depois passeia de mãos dadas com EDU pela calçada. Depois de caminhar um pouco, EDU quer voltar e FRA senta-se no chão, recusando-se a retornar.

FRA: ai ai ai ai	(IP)
Com: EDU carrega-a no colo, depois solta-a no chão.	(DP)
EDU: XXX <dá aqui pra mim> [?] [= solicita a mão de FRA]	
FRA: au au au au	(S) (MR)
EDU: não, o au au morde.	
Com : FRA e EDU voltam pra casa e se sentam no portão de entrada da casa em silêncio.	(S)

Nesta situação a criança manifesta uma reação imediata de negação (RIN) a uma intimação de EDU ao sentar-se no chão quando ele tenta voltar do passeio. Com a primeira fala dela, ela insiste na sua posição (IP) quando contrariada e acaba por ser conduzida pelo irmão desistindo da sua posição (DP).

O irmão realiza uma intimação (pede a mão da criança) através de uma pergunta. Quanto à solicitação a criança fica em silêncio, pois, como recebeu uma ordem (“dá aqui pra mim”), muda a referência, enunciando “au au au”.

Por fim, o irmão contraria a criança quando ela fala de au au (cachorro) ela fica em silêncio (S) e ambos voltam para a entrada de casa.

Sessão 13

Participantes: AVÓ e CAR (filmando)

Data da entrevista: 18-08-2002

Idade da criança: 1;10.13

Situação: FRA está brincando de carregar de carregar almofadas da sala para o quarto. CAR esconde uma almofada de FRA e ela começa a procurar.

TIA: qui hovi?

FRA: dê otu?	(RERI)
TIA: [=risos] não sei @ quê?	
FRA: ãh?	(MD)
TIA: quê qui foi? quê qui a Queca tá procurando?	
FRA: miu dóga (vai procurar) ah não tem (a)qui, dóigue dóigue	(RERI)
TIA: o que qui aconteceu? [=risos]	
FRA: vô lá buca @ ta?	(RERI)
TIA: cadê a almofada?	
FRA: ãh?	(MD)
TIA: cadê a almofada? Aqui do sofá?	
FRA: ãh?	(MD)
TIA: cadê?	
FRA: ãh? (...)	(MD)
TIA: cadê a almofada? tá lá no quarto da vovó?	
FRA: tá	(RI)
TIA: tá?	
FRA: Tá	(RI)
TIA: será?	
FRA: Tá aí @ ta tau tau	(RERI)

Neste recorte podemos perceber que a FRA e CAR normalmente dialogam utilizando-se de muitas perguntas. Na primeira a tia pergunta o que houve e a criança responde de maneira encadeada à referência da interrogação (RERI), perguntando onde estava a outra almofada. Não entendendo por que a tia ri, ela responde à segunda pergunta com uma marca de dúvida (MD). Depois temos duas perguntas que são respondidas de maneira encadeada à referência da interrogação (RERI), tendo continuidade o diálogo. Ao perceber que se tratava de alguma espécie de brincadeira (a tia além de estar rindo, já tinha escondido almofadas de FRA anteriormente) a criança responde com uma serie de marcas de dúvida, mostrando um certo desinteresse na conversa. Quando CAR parou de insistir na mesma pergunta “cadê a almofada?” e apresentou uma informação nova a criança respondeu repetindo a interrogação (RI). Quando a tia voltou a repetir a mesma pergunta várias vezes, a criança mostrou desinteresse novamente repetindo a interrogação feita como resposta (RI). Ao final, respondeu de maneira encadeada a referência da interrogação (RERI), marcando que

não queria dar continuidade àquela referência por meio da atualização das formas *tau tau*.

Sessão 15

Participantes: AVÓ, CLA e CAR (filmando)

Data da entrevista: 10-10-2002

Idade da criança: 2;00.05

Situação: FRA e CAR estão brincando com alguns potes fechados com tampa.

FRA: tem aí?

TIA: hum?

FRA: tem aí?

TIA: o que tem aí?

FRA: é (RERI)

TIA: não sei o que tem aí

FRA: tem aí? Tem aí?

TIA: Quer abrir?

FRA: sim (RERI)

(TIA abre o pote e não tem nada, FRA entrega outro pote)

FRA: tem aí? Tem aí?

TIA: hum?

FRA: tem aí @ tem aí @ tem aí

TIA: e o nenê? cadê o nenê?

FRA: ãh? (MD)

Neste recorte, num primeiro momento, percebemos a criança respondendo à pergunta da tia de maneira encadeada à referência da interrogação (RERI). Entendendo a pergunta da tia “o que tem aí?” como se a tia estivesse confirmando o que a criança estava dizendo. Num segundo momento, a criança responde também de maneira encadeada à referência da interrogação (RERI), quando é perguntada sobre um desejo seu de abrir o pote. Na última pergunta do recorte, a tia muda a referência e a criança não percebe essa mudança. Falavam de potes e do que haveria dentro deles e de repente

a tia fala de “nenê” e, diante dessa mudança de referência, ela responde com marcas de dúvida (M).

Sessão 17

<i>Participantes:</i> CAR (filmando), PAI, MÃE, EDU, BET (irmão) e AVÓ.
<i>Data da entrevista:</i> 02-11-2002
<i>Idade da criança:</i> 2;00.28

Situação: FRA está em casa interagindo com os familiares caminhando de um cômodo para o outro. Vai falar com a AVÓ.

FRA: vô pedi mamá	
AVÓ: vai querê naná?	
FRA: vai	(RI)
AVO: vai querê mamá? [=risos]	
(FRA vai até a cozinha)	(NR)
FRA: qué mamá @ qué mamá	
MÃE: qué mamá? (FRA balança a cabeça positivamente)	(RERI)
pega a mochila então.	
(FRA pega a mamadeira na mochila e passa pela AVÓ)	
AVO: dedeira. mamá?	
(volta para a cozinha e entrega a mamadeira para a MÃE)	(NR)
MÃE: qué mamá?	
FRA: qué	(RERI)
MÃE: qué com leiti?	
FRA: qué	(RERI)

Neste recorte, a criança responde à primeira pergunta da AVÓ, copiando a interrogação (RI), pois resolveu ignorar a troca dos fonemas /m/ pelo /n/ na forma *mamá*, resolvendo primar pela continuidade do diálogo. Como a AVÓ insistiu na forma realizando o som adequado com um sorriso, constitui a criança em uma brincadeira e ela não responde, retirando-se do ambiente.

Já com a MÃE, a criança coloca-se como locutor e manifesta um pedido, para o qual a mãe, ao se assumir como locutor, encadeia uma pergunta, buscando confirmar a

referência do pedido. À pergunta da MÃE, FRA respondeu de maneira encadeada à referência da interrogação (RERI). E após isso conseguiu o que buscava.

Ao cruzar com a AVÓ enquanto levava a mamadeira para a MÃE, FRA não responde à pergunta da AVÓ (NR). Seria uma espécie de protesto por causa da brincadeira anterior da AVÓ? Ao encontrar a MÃE, temos mais duas respostas encadeadas à referência da interrogação (RERI), quando a mãe pergunta “qué mamá?”, “qué leiti?” e a criança responde às interrogações como as respostas “qué”.

Sessão 19

Participantes: CAR (filmando), PAI, MÃE, EDU e MIC (amigo da família)

Data da entrevista: 16-12-2002

Idade da criança: 2;2.11

Situação 1: FRA está varrendo com uma vassoura de brinquedo e tenta pegar uma enxada.

PAI: não essi não podi

FRA: não podi? (RDO)

PAI: não podi, machuca o nenê

FRA: machuca? (RDO)

PAI: machuca

Com: FRA volta a varrer.

Nessa situação o PAI contraria a criança não permitindo que ela pegue uma enxada. Como resposta ela repete o discurso do outro (RDO), certificando-se do porquê da proibição e diminuindo um aparente conflito entre os interlocutores.

Situação 2: a MÃE de FRA discute com o PAI que está arrumando uma janela com um vizinho, MIC.

Com: MIC começa a provocar FRA

MIC: eu não gostu de ti

FRA: não dexu
 MIC: eu não gostu de ti
 FRA: não gósu de ti [= apontando para MIC]
 MIC: tu é feia
 FRA: é feio
 (...)
MIC: eu não vô te dá cachorro
FRA: não dô achoo (RDO)
 MIC: quieta!
FRA: quéta!
 CAR: [= risos]
FRA: étinha [= falando com a mãe]
 MÃE: tu qué qui a mãe fiquei quiétinha?
 FRA: quéó
 MÃE: ta

Neste recorte podemos perceber que como parte da brincadeira de provocação com o amigo da família MIC a criança toda vez que é contrariada repete o discurso do outro como meio de contrariá-lo também.

No trecho sublinhado, podemos perceber como há uma diferença de tratamento da criança para com MIC e para com MÃE. O primeiro provoca certos tipos de brincadeira e permite que FRA utilize determinadas formas no diálogo, como *quéta*, por exemplo, uma vez que ele acabou de atualizar a forma e o mecanismo de intimação no diálogo com a criança. A MÃE, diferentemente de MIC, não a provoca e não brinca por meio da enunciação. FRA, por enunciações anteriores, apreendeu que, com a mãe, não se vale do mecanismo de intimação para ordenar, mas sim para pedir. Isso parece indicar o porquê do uso do diminutivo “étinha” para a mãe, amenizando o caráter de intimação de seu discurso.

Sessão 21

Participantes: CAR (filmando) e BET (irmão)

Data da entrevista: 05-01-2003

Idade da criança: 2;3.00

Situação 1: FRA está em sua casa, brincando com o cachorro e com as bonecas.

FRA: óia aqui @ óia meu enél [= mostrando o chinelo]	
CAR: ai que lindo esse chinelo	
FRA: enélu meu?	(ACRF)
CAR: é	
(...)	
FRA: eu botei a bandaia eu botei a	
CAR: tu boto a sandália?	
FRA : eu botei	
CAR : e tu gosta do chinelinhu?	
FRA: eu gostu	
CAR: hum	
FRA: a mãe não dexô bota bandaia	(ACIF)
CAR: a mãe não dexô tu botá a sandália?	
FRA: não	

No primeiro momento, podemos perceber que a criança aceita a correção da forma proposta pela tia e reformula sua forma (ACRF). Inicialmente, ela se utiliza da forma *enél* e, após escutar CAR enunciar *chinelo*, ela realiza *enélu*. Tornando sua forma mais próxima da realizada pela tia. Já no segundo momento, com a forma *sandália*, mesmo após escutar a reformulação proposta pela tia, a criança insistiu na sua forma *bandaia*. (ACIF)

Podemos notar nas primeiras realizações da criança (*enél* e *bandaia*) que a criança reformulou aquela que continha uma diferença fonética significativa. De *enél* para *chinelo* temos uma mudança na sílaba tônica. Enquanto que de *bandaia* para *sandália* há uma semelhança fonética, justificando a reformulação na primeira forma e a insistência na segunda.

Situação 2: BET, CAR e FRA conversam sobre um salgadinho.

BET: Ondi tu comprô?
FRA: lá micadu

BET: ah lá no mercadu!

CAR: [= risos]

CAR: no supermercadu?

(MRDF)

FRA: é

CAR: e tu não tem dinheru?

FRA: não tem?

CAR: é

FRA: é?

CAR: tu tem dinheru pra comprá?

FRA: eu tenhu

Nesse recorte podemos perceber que após as reformulações do irmão e da tia para a sua forma *micadu* FRA mantém a referência dando continuidade ao diálogo, mas não volta a utilizar a forma, quer seja insistindo na forma *micadu* ou realizando alguma reformulação. Um possível motivo para essa desistência pode ser o fato de sua forma inicial ter provocado risos em CAR.

3.2. Como a criança age sobre a língua

Neste item, pretendemos desenvolver uma reflexão acerca do papel do *outro* para a criança constituir-se como sujeito falante de sua língua materna a partir de uma concepção enunciativa de aquisição da linguagem. Consideramos que, na enunciação, o *outro* da aquisição vale-se da significação autorizada pela língua e do sentido possível

naquela situação particular. Tendo em vista isso, recorreremos às noções de semiótico e semântico desenvolvidas por Benveniste no texto “A forma e o sentido na linguagem”.

Através dessas noções, podemos perceber a importância do *outro*, seja para a criança constituir-se subjetivamente na enunciação, seja para a constituição de referências entre eles. A primeira, a semiótica trata do que a língua significa quando utilizada de maneira aceitável (compreensível). Segundo o autor, “significar é ter um sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua.” (Benveniste, 1966, p. 222) Então, o uso e a compreensão se dão pela aceitação ou não de determinada forma entre locutor/alocutário, pois são estes pares que se utilizam da língua e se identificam através de sentidos comuns.

Com a segunda noção, a semântica, temos o que um falante pode fazer com o uso da língua como meio de transmitir informação, constranger, perguntar, implorar e (con)viver entre homens. É a língua como modo de ação. Aqui “o sentido de uma frase é diferente do sentido das palavras que a compõe” (Benveniste, *op. cit.*, p. 222), e este só aparece entre determinado par enunciativo, dependendo da situação e do momento em que foi realizado. Para “captar a idéia” o alocutário vale-se: da observação do contexto; da escolha das palavras e da entonação do outro; da memória que tem do histórico das enunciações com este par; e também, entre outras coisas, do que tenciona provocar no outro com a sua interpretação do que foi dito.

Essas duas noções estão imbricadas em toda manifestação lingüística. A cada enunciação de *eu* temos a aceitação/compreensão do *outro* como parte fundamental e necessária para o sucesso do diálogo. É a partir da resposta do alocutário que o locutor elabora sua próxima enunciação/ação e assim sucessivamente. Com o uso da língua no diálogo, muitos sentidos são trocados pelos participantes: acordos lingüísticos são feitos; avaliações de aceitação/rejeição; esclarecimentos de dúvidas que ocorrem durante as enunciações. Esses “ajustes” se dão de maneira natural entre os locutores e de alguma maneira essa informação é mantida para os diálogos seguintes.

É pelo diálogo com o outro que a criança constitui as referências no discurso. A criança sabe, ao ter reformuladas as suas formas lingüísticas, quando sem-sentido, que determinado enunciado provoca determinada reação quando dito, independentemente de para quem é dito (noção semiótica). Mas também, sabe que mantém com cada interlocutor experiências lingüísticas bastante distintas. Sabe que seus enunciados têm um sentido distinto dependendo de para quem são dirigidos.

De maneira exemplificativa, podemos perceber no dado abaixo, como a intersubjetividade é significativa no processo de aquisição da linguagem. O locutor (criança) modifica seu discurso por entender de seu alocutário uma repreensão.

Idade: 1;8.10

Situação: Franciele usava a expressão de xingamento “droga” sempre que algo não dava certo em suas brincadeiras, o que a mãe seguidamente a repreendia. Certo dia, a criança estava brincando com a mãe perto e algo deu errado em sua brincadeira. Então a criança disse:

FRA: dó ...

MÃE: Franciele [!]

com: a mãe repreende.

FRA: doguinha. (= droguinha)

No caso, Franciele, lembrou-se ao ter seu nome dito pela mãe, de inúmeras outras vezes que fora repreendida ao usar expressões como esta. Além disso, ao suavizar sua expressão com o sufixo “inha” provoca risos e agrada a mãe.

Além da intersubjetividade e da referência como fundamentais para a realização do ato enunciativo e da aquisição da linguagem temos essa memória enunciativa. Ela faz com que a criança ao mobilizá-la realize suas escolhas enunciativas e seu modo de enunciar, por entender mais apropriado àquele alocutário.

Essa memória contém o histórico das suas enunciações com determinado alocutário e também as enunciações presenciadas entre outros interlocutores. A referência como parte integrante da enunciação possibilita à criança ligar seus alocutários a essa memória enunciativa e então fazer escolhas de formas e modos de dizer em seu discurso. Para isso, a criança utiliza-se das referências a discursos e se vale daquilo que foi mais significativo de alguma maneira para ela – seja em relação ao tempo, ao espaço ou às pessoas envolvidas. Ela parece lembrar em qual contexto de enunciação aquela expressão foi usada (qual a referência) e é capaz de, em contexto similar, repetir aquela expressão e testar o efeito daquela enunciação com outro par enunciativo.

A pretensão deste estudo foi ilustrar os modos de mobilização das formas e mecanismos da língua pela criança em seu discurso relacionados ao modo como é convocada por distintos interlocutores a se enunciar.

Com a análise dos dados percebemos que, de um modo geral, o repertório entre cada par dialógico se dá de maneira muito semelhante no modo como cada participante dialoga.

Com a mãe, a criança sempre fala de maneira menos impositiva. As enunciações da mãe são marcadas por ordem e pedidos e o diálogo entre esses pares é marcado pela manutenção de referência. As perguntas da mãe são vinculadas a necessidades e desejos da criança, que, ao se assumir como locutor, encadeia uma resposta que co-refere a referência atualizada na interrogação da mãe.

A relação da tia com a criança é marcada por interrogações e por retomadas do dizer da criança para certificar-se sobre a compreensão do discurso da sobrinha. Estão acostumadas a, nas brincadeiras, trocar de referência repentinamente, por isso, o diálogo é constituído por muitos movimentos de forma e sentido.

A avó, em suas enunciações, parece cúmplice da neta, agindo conforme os pedidos enunciados por FRA. A enunciação da AVÓ é marcada por provocações e oposições às posições de FRA, possibilitando à criança marcar-se subjetivamente no discurso. É marca do discurso da AVÓ a interpretação do dizer da criança, ressignificando e traduzindo as referências produzidas por FRA.

O irmão, por ser também uma criança, exerce bastante poder na menina, evidenciado pelo uso de intimações. Quando seus pedidos não são acolhidos por FRA, EDU ordena, obrigando-a a agir.

O amigo da família (MIC) provoca a criança o tempo inteiro. Eles trocam insultos e competem discutindo toda vez que se vêem. Com ele, as palavras são mais fortes (feiosa, vô ti joga uma pedra, etc.), porém FRA parece entrar no jogo de provocação e passa a brincar com o amigo, repetindo suas formas nas enunciações que produz.

A seguir temos um quadro ilustrando as aparições recorrentes para cada par dialógico da criança:

	FRA-MÃE	FRA-CAR	FRA-AVÓ	FRA-EDU	FRA-MIC
1	RIA	RIA; II; S	RIA; RIN; S	RIN	RIN
2	RERI	RERI; MR; RI; MD	RERI; MR; RI; MD; NR.	--	--
3	DP	IP	DP; IP; S	DP; IP	IP; RDO
4	ACIF;	ACIF;	ACIF; MRDF.	ACIF	ACIF

	ACRF; MRDF.	ACRF; MRDF; MR.			
--	------------------------	----------------------------	--	--	--

1 – Intimação; 2 – Interrogação; 3 – Contrariedade; 4 – Reformulação da Forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos não saber o que faz com que determinado enunciado ou ação da criança provoque determinada reação em seu interlocutor e vice versa, pois isso depende da referência do momento de fala e da relação enunciativa estabelecida entre locutor e alocutário. Podemos concluir com o estudo que, aos poucos, a criança constrói essa memória enunciativa com seus interlocutores. Isso possibilita que ela construa, na singularidade da enunciação, formas e modos de dizer específicos para dialogar com cada interlocutor que convive.

A cada enunciação, como afirma Benveniste, o locutor atribui um grau de presença ao outro. O modo como cada interlocutor se presentifica à criança parece ser determinante de como ela o constitui em suas enunciações. Desde muito cedo as formas enunciativas da criança, ao serem interpretadas e significadas pelo seu alocutário como formas da língua, vão inscrevendo-a na língua e na linguagem como um sujeito enunciativo.

Para que os papéis de locutor e alocutário sejam reversíveis na estrutura do diálogo é preciso, em primeiro lugar, que ambos se constituam como pessoa inversíveis no discurso com referências específicas ligadas a cada ato enunciativo.

Como vimos neste estudo, no princípio a criança dialoga, mas é dependente da fala do outro. Quando não possui língua, a mãe interpreta sua forma enunciativa (gestos, sorrisos, choros, balbucios) como forma da língua; e fala por ela “Ai que água gostosa!” quando a criança está no banho. Ou “Mano, devolve minha mamadeira”. E as outras pessoas que estão próximas conversam com esse adulto que fala pela criança como se estivessem conversando com a criança. A criança aqui seria um locutor dependente.

Depois com a história de suas enunciações, ela passa a assumir o seu discurso e é responsável por conseguir mobilizar a língua, a implantar o outro diante de si e a se subjetivar. Por isso, é fundamental a presença do outro, porque, para a aquisição assim como para a enunciação, a intersubjetividade é constitutiva da subjetividade. A criança escolherá o seu modo de se marcar no discurso dependendo da sua história de enunciações com o outro e, para isso, a mobiliza não só as formas da língua, mas sua memória enunciativa. Caso contrário todo novo diálogo deveria iniciar do ponto de

partida e a cada novo discurso os interlocutores teriam que se conhecer de novo, quando, na verdade, eles se re-conhecem a cada enunciação.

Aqueles que dialogam com a criança estão sempre reforçando essa memória, no intuito de se marcar diferentemente com ela; de “ter o que conversar”. São recorrentes as falas: “Lembra de mim?”, “Nós brincamos outro dia!”, “quem que te deu este presente, hein?”, “como é o nome dos teus coleguinhas?”. Falas como estas mostram pares dialógicos “costurando” uma enunciação atual com outra anterior e enlaçando um interlocutor a outro. Nesse jogo, constituem-se marcas enunciativas particulares para cada relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (Volochinov, 1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3.ed. São Paulo : Hucitec, 1986.
- BENVENISTE, Émile (1966) *Da subjetividade na linguagem*. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____(1966) *A natureza dos pronomes*. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____(1966) *Estrutura das relações de pessoa no verbo*. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____(1974) *O aparelho formal da enunciação*. In: _____ *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CASTRO, Maria Fausta Pereira de. *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.
- SILVA, Carmem Luci da Costa . *Enunciação e aquisição da linguagem*. In: _____. *A instauração da criança na linguagem*. Porto Alegre, UFRGS, 2007 (tese de doutorado)
- SILVA, Carmem Luci da Costa . *Por uma concepção enunciativa em aquisição da linguagem*. In: _____. *A instauração da criança na linguagem*. Porto Alegre, UFRGS, 2007 (tese de doutorado)